



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA CRISTINA FLORES FRAGOSO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Maria Cristina Flores Fragoso

Nascimento: 27.06.49

Local da entrevista: escola da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 22.01.2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 52 min.

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Início na dança; Codança; Escola de dança própria; Escola de Dança João Luiz Rolla; Período na Clínica Geriátrica; Espetáculos da escola; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos de Dança; Sobre o encerramento da escola; Período que o professor Rolla deu aulas na escola Ballet Cristina Fragoso; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 22 de janeiro de 2015. Entrevista com Maria Cristina Flores Fragoso a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

M.F. – Maria Cristina Flores Fragoso.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

M.F. – 27 de junho de 1949.

M.C. – Qual teu estado civil?

M.F. – Eu sou casada.

M.C. – Tu tens filhos?

M.F. – Tenho dois filhos homens.

M.C. – Qual tua formação profissional?

M.F. – Sou formada em Direito e sou pós-graduada em Dança Cênica.

M.C. – Qual tua naturalidade?

M.F. – Eu nasci em Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que tu falasses como iniciou na dança.

M.F. – Eu nasci com a dança. Contam que uma tia, irmã do meu pai, insistia com a possibilidade de que eu aprendesse a dançar ballet e, quando eu tinha cinco anos, a oportunidade surgiu através do meu pai. Ele era jornalista, trabalhava no Correio do Povo e um dia foi designado para fazer uma reportagem sobre o ballet em Porto Alegre. Na época, eu já tinha uma ideia da escola do professor Rola, porque me levavam a assistir aos espetáculos que minha prima Ruth Maria Bueno dançava. Na década de 50, as escolas de dança mais expressivas foram visitadas para a realização desta reportagem: Tony Petzhold Salma Chemale, João Rola e Maria Julia da Rocha. Bem, isto serviu para que ele fizesse uma escolha da escola para sua filha. Penso que a

escolha de Salma Chemale foi feita pela percepção de sua doçura e elegância no trato com as pessoas e com suas alunas, uma vez que todas as quatro escolas eram boas. Começa aí então, meu casamento com a dança. Fiz toda a minha formação básica com minha saudosa mestra Dona Salma. Aos 16 anos, já com todo o estudo básico de ballet consolidado, começa a despertar em mim uma vontade de fazer carreira artística.

M.C. – E o que fizeste depois da formação básica do balé?

M.F. – Nesta época eu era aluna do Colégio Julio de Castilhos no curso clássico. Frequentava as aulas pela manhã e reservava as tardes e noites para minhas aulas de ballet.

Após três anos, ingressei na Faculdade de Direito da PUCRS¹. O primeiro salto que dei em busca de profissionalismo na dança foi da escola de Salma Chemale para a Codança que era a Companhia de dança do RGS. Esta Companhia foi criada por Tony Petzhold² no seu espaço da Cristovão Colombo e era composta por bailarinas e bailarinos que já haviam feito formação nas suas respectivas escolas. A direção de ballet era de Maria Amélia Barbosa, a dança moderna era dirigida por Cecy Frank e o folclore aparecia com “Os Gaúchos” dirigidos por Nilva Pinto. Neste grupo, vivenciei muitas experiências através de relacionamentos com diferentes colegas, muitas viagens para cidades do RGS onde levávamos nossos espetáculos. Entre essas apresentações, fizemos uma grande viagem a Paris para dançar na Embaixada Brasileira em comemoração a data alusiva a Independência do Brasil.

M.C. – Quem te levou nesta viagem?

M.F. – Fui convidada por Nilva Pinto a participar como bailarina do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Faziam parte do elenco: Maria Amélia Barbosa, Célio Trigo Álvares, Antonio Augusto Fagundes, Valquíria Peña, Ziza Pinto, Toguinha³, Nilva Pinto e outros colegas dos quais não lembro mais os nomes. Esta viagem à França foi um marco divisor na minha vida pessoal e profissional, pois ao passar por essa experiência entendi que não poderia ser uma bailarina, uma vez que, naquela época, ser bailarina implicava em deixar a família, a cidade em busca da

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Antônia Seitz Petzhold.

³ Nome sujeito a confirmação.

profissionalização. Eu sentia muita saudade de meus pais e irmãos, odiei andar de hotel em hotel, odiei ter que dançar em lugares que não me sentia bem, enfim, não tinha e nem tenho espírito aventureiro.

Admiro os colegas que tiveram esta coragem e venceram profissionalmente dançando pelo mundo a fora. Um exemplo disto foi Jane Blauth com quem tive a honra de trabalhar durante 12 anos no meu Ballet Studio, uma maravilhosa bailarina que encerrou sua carreira na própria cidade de onde saiu. Ao retornar, já estava certa de que não poderia ser uma bailarina profissional, mas eu gostava demais de dançar. A dança, não tem como arrancar da gente, não foi um momento fácil, pois estava às vésperas de minha formatura em Direito e, apesar de saber que minha vocação era para a dança, fiquei muito dividida. Momento tenso, decidir entre o Ballet, o Direito e um possível casamento pois socialmente eu era pressionada a casar, ter filhos, era o que todas as minhas colegas contemporâneas faziam. Só que não era bem isso que eu queria. Eu desejava estudar mais, eu podia estudar mais. O Direito me encantou com sua parte histórica e filosófica e me enriqueceu culturalmente. Bem, decidi que não poderia viver sem a dança. Não deixaria o ballet por nada deste mundo. Encontrei um caminho: ensinar ballet. *“Eureca, vou passar a vida dançando, porém aqui onde é o meu lugar, junto com minha família”*. Desde então passei a estudar loucamente para adquirir conhecimentos técnicos e teóricos para poder ensinar de verdade. Neste momento, deixei de me apresentar artisticamente, pois acreditava que ou eu bem ensinava ou eu bem dançava. Em 1974, junto com mais dois colegas artistas, inauguramos uma escola em Porto Alegre na Rua 24 de outubro. Maria Amélia Barbosa e Tony Abbott⁴ fizeram parte do meu começo como professora.

M.C. – Tu já eras casada quando abriu a escola?

M.F. – Não eu era solteira. Casei em 1975, um ano após a inauguração do Studio. Tenho dois filhos que só me deram alegrias e me enchem de orgulho por serem homens de bem e profissionais talentosos: um é advogado e o outro é publicitário. Em 1979, passei a fazer carreira solo mudando meu Studio para Rua João Obino, 239, no Alto Petrópolis. Naquele espaço, pude criar meus filhos e atender minhas alunas com total dedicação.

⁴ Antonio Abbott

M.C. – Há quantos anos tu tens a escola?

M.F. – Me dedico ao ensino do ballet há 40 anos. Em dezembro de 2014 comemoramos esta data com um espetáculo festivo. Foi muito gratificante.

M.C. – Então agora eu gostaria que tu me falasses do momento em que tu conheceste o professor Rolla.

M.F. – Bem, como a minha prima estudava no seu Rolla e eu estudava na dona Salma meu pai e minha mãe achavam importantíssimo que eu assistisse a todos os espetáculos que a minha prima dançava... começava por aí. E me levavam sempre. Então eu passava a admirar a minha prima, que era três anos mais velha que eu, e todas aquelas moças e meninas que eram do balé dela eu conhecia e admirava também. Então eu sempre tive uma relação de amizade com a escola do professor Rolla. Eu assistia todos os espetáculos. Eu gostava muito porque eu amava tudo de balé. Do professor Rolla eu vim gostar particularmente por momentos especiais que aconteceram em nossas vidas. O tempo vai passando e a gente vai crescendo e ele sabia que uma das alunas mestras dele era muito minha amiga, era minha colega no clássico do Júlio de Castilhos e depois na faculdade de Direito a Regina Guimarães⁵. Nós somos muito amigas. Então além da minha prima estudar com ele, eu conhecia essa galerinha toda e ainda convivia com a Regina o que me aproximou muito do Rolla. Sempre fui cumprimentá-lo nos finais de seus espetáculos. Ele me conhecia como uma bailarina da professora Salma. Tenho muita emoção ao falar sobre o Rolla, algo muito próximo apesar de eu não ter sido sua aluna, ele me ensinou comportamentos humanos impressionantes, porque aqui em Porto Alegre o pessoal da dança sempre teve muita rivalidade – Uma aluna de uma escola não podia passar na calçada de outra escola de balé! *Se odiavam!* E eu achava aquilo tão horrível, pois eu não sentia nada quando eu ia assistir à escola do professor Rolla, até sentia muito prazer. Tinha minhas amigas, minhas conhecidas, mas nem por isso deixava de fazer as aulas na minha escola com a minha professora que foi o meu talismã primeiro. Até hoje é! Mas aconteceu que, quando eu cresci e o seu Rolla me assistia dançar, porque ele assistia a todos os espetáculos das escolas, recebia dele grande estímulo, o que me fazia admirá-lo cada vez mais. Seu Rolla era muito presente na cena

⁵ Regina Adyles Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

do ballet em Porto Alegre. Assistia a todos os espetáculos sem ligar para rivalidades e não era inimigo de ninguém. Ele me via dançar nos espetáculos da Salma Chemale e vinha me cumprimentar no final com elogios pelo que eu dançava e muitas vezes com conselhos que me foram muito úteis para a minha vida profissional. Receber esta atenção de uma pessoa como ele, pra mim era muito emocionante! E tudo que ele me dizia ficou registrado. Cada vez admirava mais ele e ele foi sempre assim. E aí, com o passar do tempo, quando eu deixei de dançar e coloquei a minha escola junto com esses dois colegas, ele também acompanhava o meu trabalho. Quando terminou esta minha sociedade e fui sozinha para o meu primeiro espetáculo, ele chegou pra mim e disse: “Agora sim! Agora tu estás certa, agora é carreira solo! Eu esperava isso de ti.” E tudo aquilo me encheu de muita coragem. Porque ele enxergava em mim um potencial que eu não tinha ainda preparo para saber, bateu muito forte dentro de mim. Então eu não me esqueço dessas coisas que seu Rolla me falou e não esqueço dessa pessoa maravilhosa que ele era. Era ético, não falava mal de ninguém, era alegre, recebia todo mundo, tinha uma paixão enorme por suas alunas e aquilo eu admirava muito. E tudo que eu achava bonito e admirável nele eu peguei para mim. Comecei a me estruturar para ser uma mestre como ele. E depois outro momento nosso, foi quando ele recebe da prefeitura o direito de dar aula no Araújo Vianna através de uma permuta: apresentar seu ballet sempre que a cidade solicitasse. Eu ia muito lá, porque a Codança também trabalhava, em determinada época, numa sala do auditório. A gente se encontrava e eu sempre batia altos papos com ele. Quando acabam com as aulas do Rolla no auditório, eu fiquei extremamente triste por achar uma injustiça terminarem com ele daquela maneira. Fiquei muito indignada com a politicagem, com a falta de respeito. Esse momento difícil nos aproximou muito.

M.C. – Na época o que tu lembrava que comentavam sobre esta situação?

M.F. – Eu te confesso que eu não sei bem, mas se ouvia falar muita coisa: corria a história de que uma professora de ballet estava de volta à cidade e que ocuparia o espaço do Rolla – Jezebel Iriguaray era o nome que tínhamos notícia, mas sinceramente eu não sei se era essa pessoa. Eu sei por que o seu Rolla me disse que por política ele tinha sido jogado fora. Porque tinha envolvimento de pessoas mais poderosas do governo do Estado. Eu me tomei de pavor porque eu queria fazer alguma coisa, só que

nem aluna dele eu era. Tentei falar com algumas alunas que se indignaram, mas nós não tivemos a força suficiente para fazer com que ele permanecesse lá. Porém, alguma força nós tivemos, ficaram sabendo da nossa indignação e não ousaram botar outra escola lá. Nunca mais teve escola no Auditório Araujo Viana, pelo menos, isso nós conseguimos. Porque era muita injustiça. E nesse momento seu Rolla já estava velho, já não enxergava direito, pra ele aquilo foi um golpe. Um golpe muito forte de traição da cidade dele. Toda a arte que ele derramou em cima de nós! E ele se sentia assim. Eu estou te dizendo como ele nos falava. Por estar penalizada com a situação dele, já tão velho e fragilizado, convidei para que ele desse aulas para as minhas alunas. Ele permaneceu um bom tempo comigo, ensinando uma geração de alunas minhas que tiveram o privilégio de ter esse contato com a arte do Rolla.

Montou para o meu ballet a Suite Masquerade com a participação de alunas e alunos que hoje são profissionais da dança: Lauren Lautert, Marcelo Lomando, Aline Haas, e Izabela Gaviolle. Esse foi o último trabalho que o professor Rolla fez. Sem enxergar direito e caminhando com muita dificuldade, teve que parar com suas aulas e passou a morar numa geriatria, pois não tinha mais condições de viver sozinho. Na geriatria ele recebia visita e ajuda de suas ex-alunas, que procuravam retribuir todo o amor que ele teve por elas, mas, mesmo assim, sofria de solidão. Até que ele não aguentou mais fisicamente e faleceu. Então eu tive uma dor muito forte com o falecimento do Rolla, como eu não tive com a minha professora... engraçado isso não é? Pois mesmo sem ser sua aluna de técnica de ballet, recebi deste mestre muita sabedoria. Porque ele era realmente um artista. Passar de geração em geração a arte de dançar era o que os nossos professores acreditavam e Rolla era um criador apaixonado pela música erudita, pelos grandes mestres da música por Chopin que coreografou sensibilidade e poesia. Aprendemos muito com a arte do Rolla. Minha admiração por este mestre vem do seu olhar ético observando todas as áreas artísticas. Ele estava sempre presente em todos os espetáculos que vinham a Porto Alegre. Assim, eu me considero uma discípula da arte deste mestre que procuro levar para meus alunos como um legado dos nossos primeiros professores artista. Tive muita sorte, porque recebi da minha professora todo o desenvolvimento técnico e emocional que envolve o aprendizado do ballet e aprendi com o Professor Rolla a me comportar e me relacionar com todos os artistas captando deles a mais pura arte.

M.C. – Gostaria que tu me falasses o que tu lembras dos espetáculos que assististe.

M.F. – Eu assistia todos os espetáculos do seu Rolla. Mas claro que como menina eu lembro que ele fez o Grand Canyon aquilo me deslumbrou muito. Depois o 2001 Uma Odisseia no Espaço, ele foi precursor e apresentou um ballet belíssimo que nos inundou de arte, uma maravilha. Independente das meninas serem alunas de escola, ele soube apresenta-las com rara beleza. Não desfazendo nas demais alunas, enxergo em Carlota Albuquerque muito do talento artístico do Rolla. Em minha opinião, talvez seja ela a sua sucessora. Estou convivendo atualmente com ex-alunas do Rolla que foram lindas bailarinas na sua época, mas deixaram o balé. Uma é Zelira⁶. E o acervo que esta na UFRGS⁷ é por causa dela, porque ele era apaixonado por ela e com toda razão porque ela era divina. A outra é a Eda Jornada linda bailarina lírica apaixonada por musica, tive a honra de ser professora da sua filha Isabel Jornada⁸. A Eda tem do seu Rolla toda essa sensibilidade artística. Então assim que eu sou muito grata ao seu Rolla e acho que ele foi das pessoas da dança a personalidade que realmente merece ter sido escolhido por ti para ser lembrado neste trabalho.

M.C. – O que representava a escola naquela época?

M.F. – Eu via características diferentes em cada escola. Porque em Porto Alegre sempre vingou uma coisa que vinga até hoje: discurso! A pessoa fala, fala com muita autoridade e empáfia, mas na hora de apresentar o produto desse discurso, deixa a desejar – não consegue transmitir em arte o que diz na sua fala, quase sempre não é o que diz o discurso. No entanto, cada uma dessas escolas tinha o seu valor. Sabemos que ninguém sobrevive tantos anos sem ter qualidades.

M.C. – Sobre esse momento final tu tens mais alguma coisa para contar?

M.F. – Bom neste momento que o seu Rolla velhinho foi desprezado, as alunas que frequentavam suas aulas na época, se resignaram e não lutaram por aquele espaço, não lutaram por ele. Durante um tempo, que não sei precisar exatamente, ele ficou distante delas. Foi quando me aproximei dele e com indignação percebi o que havia acontecido.

⁶ Zelira Mendes Eichemberg, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸ Eda Homrich da Jornada, ex-aluna da escola de João Luiz Rolla.

Passei a visitá-lo e a buscá-lo para dar as aulas no meu Studio. Quando ele me contava que estava sofrendo muito, usava nossos encontros para falar muito. Depois desse vácuo essas alunas voltaram todas, mas teve um momento em que ele ficou sozinho. Ele ainda morava sozinho.

M.C. – E qual era impressão dele sobre essa situação?

M.F. – Ele se sentia desprezado. Sentia a velhice e o desprezo de sua própria cidade. Pensava também naquele verdadeiro pensamento: “cuspiram no prato que comeram”. Porque ele, de certa forma, era uma referência artística na cidade. Prestava serviço. Não estava ali só de graça. Ele sempre que teve que apresentar a contrapartida para a cidade, ele trabalhou. Foram momentos de muita solidão e tristeza. Se preocupava muito com o acervo que tinha, não sabia o que fazer com todo material acumulado durante anos. Ele me levava no apartamento dele me mostrava: “e esse acervo todo e esses livros, essas fotos, essas músicas?” Muita coisa ele me deu e eu guardo com muito carinho e coisas eu comprei para ajuda-lo. As três barras móveis de ferro dele que estavam no Araújo Vianna eu comprei e transporte de lá para o meu Studio. Ele usou esse dinheiro porque ele tinha que se alimentar, ele ganhava pouco. Porque também naquela época a gente não pensava no futuro o artista não pensava no futuro. Quando ele ficou velho, colocaram ele pra rua. Foi cruel.

M.C. – E tu sabes qual foi o motivo que a prefeitura informou para pedir a sala?

M.F. – Não disseram muito bem para ele. Sabe quando a situação não é transparente e não diz a realidade e só chega e diz assim: “olha parece que vai ter que terminar, agora mudou o governo”. E aí ele ficou perdido. Tanto que eu acho que até as alunas e seus pais todos iriam perguntar, mas ele também não sabia muito bem quem era quem. Desconfiava-se de uma parente do governador porém, não sabemos a verdade. Afinal, ninguém assumiu a escola do Auditório Araujo Viana, parece que perceberam que já havia um movimento pró Rolla, penso que se amedrontaram e declinaram da ação. É lamentável porque é um espaço maravilhoso da nossa cidade que deveria ser aproveitado como um espaço artístico.

M.C. – Quanto tempo ele deu aula na tua escola?

M.F. – Ele não deu o tempo que eu gostaria. Porque ele começou a ficar muito doente e teve que parar com as aulas, dois anos e meio talvez. Tínhamos que busca-lo em casa e levar de volta depois da aula. Uma escada que levava para a sala de aula dificultou o deslocamento dele. Ele estava muito velhinho.

M.C. – Tu tens o registro em vídeo desta coreografia Masquerade que ele remontou na tua escola?

M.F. – Vou procurar. Eu devo ter. Vou ver, mas é difícil quando eu comecei o meu balé não existia vídeo. Quando ele montou masquerade para mim foi à última coreografia dele. Meu Deus, ele quase me matou pra fazer a máscara como ele queria, ele era muito detalhista [risos] inclusive periga eu ter aqui ainda fragmentos desse figurino. Eu vou procurar!

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M.F. – Eu tenho muito orgulho de ter sido contemporânea de um mestre como ele, porque aprendi demais com todo o exemplo que ele deixou. Ele sempre foi pra mim um grande exemplo de pessoa e de artista.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]